

EXERCÍCIO DO VIVER

Maria do Carmo Tavares de MIRANDA

RESUMO

Acentuam-se cada vez mais a necessidade e o interesse pelo conhecimento, da situação e da condição humana, tendo-se em vista uma adequada compreensão dos ritmos do pensar e do agir do homem e de seu próprio ser, enquanto habitante do mundo em mudança e desenvolvimento. Os projetos de vida pessoal e coletiva, os esforços por uma vida justa, o próprio codimensionar-se diário em solicitações e atenções, dizem o exercício do viver e a urgência de questionamentos que descortinem e aprofundem o sentido da existência humana, suas possibilidades, suas pretensões, seus limites, e pedem estudo e análise de categorias ontológicas para o discernimento da complexidade desse ser-no-mundo, o homem.

RESUMÉ

Les considérations sur l'homme et son être-dans-le-monde, toujours en quête de la compréhension de soi-même, de la situation et de la condition humaine, envisagent rendre compte de sa capacité et de son pouvoir d'établir les relations avec soi-même et avec les autres. À partir de plusieurs questions posées sur les possibilités humaines et qui font ressortir l'homme comme un être qui pense, l'herméneutique vient à la rencontre de la révélation des concepts fondamentaux de l'être humain et des principes ontologiques, capables d'orienter son exercice de vie et son dessein de bien vivre.

Apenas alguns questionamentos: Primeiro, retomando idéias já expostas em escritos anteriores e ainda indagando sobre a responsabilidade de homens conviventes com as mais diversas situações e o que daí decorre como uma maior atenção ao núcleo do ser do homem: o humano de seu ser e seu tempo criador; Segundo, invocando, então, o que seja a experiência do homem, seu exercício do viver, enquanto habitante do mundo, tenta-se a leitura desse ser, visando apontar o que pode atualizar as suas possibilidades, e nisto a importância da hermenêutica; Terceiro, e os termos leitura e habitar (habitações, hábitos), experiência e exercício, verticalidade e circularidade, enquanto fontes referenciais, tentam dizer o que se manifesta como

ponto axial para uma meditação metafísica, uma meditação analógica do ser e dos transcendentais, operando uma transfiguração desocultante de uma infinidade de sentido do homem e das coisas, que atravessa e vai além, transdisciplinarmente, dos limites setoriais de disciplinas para indicar algo mais. E tudo em começo, sempre, mais uma vez.

Habitante do mundo em mudança e desenvolvimento, o homem tece considerações as mais diversas sobre seus estados subjetivos e objetivos, sobre sua própria condição humana, sua situação espaço-temporal, epocal, sua convivência entre os homens, e busca um sentido ao seu próprio viver. Salienta-se, assim, a necessidade de uma leitura

em profundidade sobre o ser do homem, enquanto sujeito, e sua relação com os outros. Desse modo, a própria dramaticidade de sua existência faz-se continuamente presente, enquanto intimamente cresce uma solicitação para que ele se abra a um conhecimento de si mesmo e de seu próprio destinar-se na vida, ao mesmo tempo que se exercite em cogitação e discernimento, a partir, inclusive, dos elementos físicos que dizem seu ser natural, de bios e de lógos, e que devem ser captados teórica e praticamente como instrumentais de seu próprio modo de ser como sujeito de mudanças, e que estabelece relações tanto consigo mesmo, quanto com outros homens, e com todas as coisas.

O homem, ser de corporeidade e de razão, um vivente em tensão e densidade espiritual distinguindo o espaço percorrido de seu caminho de vida e cada momento decisivo do seu orientar-se, debruça-se sobre seu passado e seu futuro, vislumbrando uma futurização já nesse seu presente que aguarda uma acolhida de algo que se deixa anunciar, do mesmo modo que se fazem presentes vários tempos transcorridos. E a memória do presente, do futuro e do passado, tensivamente disposta à interpretação e compreensão como modo de ser do homem, diz a dimensão hermenêutica atenta às múltiplas faces e fases, caminhos e ressonâncias de seus passos, uma experiência que é um exercitar-se atencioso apontando e revelando possibilidades ao bem viver em seu espaço de tempo vital e em meio às expectativas as mais diversas. Rememoração e antecipações enquanto dizem o ato de leitura tanto do passado-presente quanto do presente-futuro, enfatizam a memória, a qual ainda se abre à irrupção do imemorial, - o passado-passado -, o qual abriga forças antigas que são fundamento de possibilizações, ora indicando uma como que sempiternidade, ora uma ausentidade, do mesmo modo que, impresentidamente, o homem sabe que algo ainda está por-vir, uma futuridade absoluta, - um futuro-futuro. Apresenta-se, assim, essencialmente o que o homem é, e seu modo de ser.

Nessa memória que dura e que diz o modo de ser do homem, a rigor seu habitar desde sempre, desponta a transcendência, a qual reclama que se pense o humano do homem, desse ser existente capaz de exteriorizar em expressões as mais diversas o que está oculto desde o começo, enquanto ele mesmo como ser de temporalidade sempre está a caminho desde sua origem, direcionando-se à transcendência.

Este seu tempo de passagens diz o seu transitar, seu próprio habitar, seu caráter, hábitos e costumes avançando até ao que ele ainda-não-é.

O homem em questionamento e discernimento de suas possibilidades, sejam as que se fazem presente, sejam as que permanecem ocultas, e experienciando sua própria vida, faz valer todos os seus momentos e reclama o exercício de uma reflexão crítica, ontológica e ética, que possa clarear mesmo que pouco os fundamentos de seu ser, para vir a atender à urgência de solicitações que o habitam para tomar decisões e deliberar-se efetivamente tendo em vista sua própria condição humana, não só a de um vivente biologicamente considerado, mas um ser que pensa e que está em caminho à realização de sua vida, com consciência de seus limites, mas, também, de seu poder, de sua capacidade de transcendência. Seu próprio caminhar, atento e atencioso, em encontro com outros eus, e as novas rotas que alteram e alternam seus passos, assim como seu ver, ouvir, e tocar, sensíveis e espirituais, e as categorias do ser, como as do pensar, e da linguagem, e se dê destaque à temporalidade, à historialidade e à alteridade, tanto dizem o encontrar-se do homem consigo mesmo e com os outros quanto seu ser de relações e de participação entre coisas e homens. Salienta-se a própria experiência de seu tempo vivido, de seu ser capaz de temporalizar como o experienciar de seu historializar-se num plano de invenção concreta, a qual é seu próprio projeto e processo de ser que se caracteriza pela dinamicidade entre o esperar e o encontrar, o reconhecer e o decidir, o atender e o efetivar, o auscultar e o ver, o apalpar e o dizer, um enunciar tateante do centro ou núcleo de seu ser, seu mais íntimo e mais profundo, homem enquanto homem, criador de seu mundo e de seu destino, um existente em devir e em destinação, realizando-se segundo suas possibilidades e seu dever-ser. A dramaticidade do viver do homem situado e condicionado que se distende entre o que ele guarda e é sua garantia de ser o que é e o que ele antevê, entre seu aguardar um por-vir e o que lhe é imemorial, torna-se patente.

Como ser de pensar e de memória, o homem é capaz de instaurar um **lógos** que como justa medida codimensione o seu natural habitual, não só em relação às ações individuais mas, também, em relação ao campo da **práxis**, não só reunindo experiências e rememorações, mas reestruturando-as, combinando possibilidades e potencializações, enquanto, também,

se faz alongar em esperas, em novas conjugações espaço-temporais, discernindo distâncias, ponderando entre o que pode vir a ser e o que fazer, através de análises e avaliações que apontam um novo universo de relações e deixam transparecer o que melhor convém ao ser, questionando o que lhe seja determinante, segundo seu próprio modo de ser. Discernimento, ponderações, avaliações dizem o exercitar-se dialógico do homem no vir a saber realizar-se em caminho e sempre em começo, perfazendo-se continuamente, questionando, interpretando, compreendendo-se a si mesmo e todas as coisas.

Habitante do mundo, o homem em situação e em conjunto com o mundo revela as próprias raízes de seu ser, seu fundamento, seu poder que se refaz a cada instante, decidindo-se, cumprindo-se, fazendo advir e presentificando, como ser de memória que ele é, seu projeto de vida. É a experiência como exercício da inteligência, que se faz penetrativa cada vez mais e que sabe relacionar o que se apresenta mesmo veladamente, captando **kairicamente** as ocasiões propícias, proporcionando ao homem um viver rigorosamente humano, aberto ao diálogo com os outros e consigo mesmo, sendo capaz de acolher e enunciar através de diversos e diferentes modos a verdade dos seres, indicando situações, apontando e projetando escolhas, sendo apto a tomar decisões. Nisto se impõe uma visão analógica do ser, em sua verdade, e dos transcendentais, formando a teia de relações entre pensar e ser, sempre descobrindo um sentido último das coisas e de si mesmo, de seu centro de irradiações para as enunciações de conhecimentos teóricos e práticos e para o saber de sua intimidade. Questiona-se, tenta-se visualizar o habitar pleno de sentido do homem, sua própria morada de ser o que ele é, sua profundidade, sua verdade, seus impulsos e manifestações através de movimentos circulares concêntricos e movimentos verticais, os quais são mediadores entre o que se faz exteriorizar e o que permanece oculto, entrelaçando num todo tanto as várias expressões que foram captadas, quanto a intimidade que como fundamento se deixa transparecer em parte. E a filosofia hermenêutica vive estes movimentos adentrando-se no campo ontológico-ético do próprio exercício do viver do homem.

Uma rápida alusão aos dias atuais e às diversas perspectivas filosófico-hermenêuticas, acentuando diferentemente as ênfases a serem dadas ao espaço de experiência para a compreensibilidade do homem,

destacando ora mais ora menos a “memória”, ou a “imaginação”, ou a “justa medida”, ou o “reconhecimento”, ou a “linguagem”, ou a “tradição”, ou a “invenção criadora”, ou a “argumentação e a comunicação”, ou a “comunidade de comunicação”, deixa aparecer o traço comum da necessidade de considerar o homem como um ser em caminho e à busca de um sentido para a sua existência finita, e para o trabalho que a razão empreende tendo em vista o conhecimento que o homem venha a ter de si mesmo. Convém salientar que o ser racional do homem já é uma expressividade de seu inteligir - de seu **nous** -, expressividade esta que se manifesta em gestos, ritmos, vozes, cores, formas, costumes, e este seu ser espiritual encarnado, em contínuo exercício, esforça-se para ultrapassar todos os limites e abrir-se compreensivamente a todos os horizontes. Visa-se, assim, o tempo do homem, contínua e progressivamente, em trânsito; mas ele mesmo é consciente de seu poder, tanto para saber, quanto para agir, para fazer, e como ser capaz de estabelecer questionamento, diálogo e conversação, sabe, também, que apesar de sua finitude e de seu devir é capaz de prever o futuro.

O seu exercício do viver e o reconhecimento de seu poder de inteligir captam o que ele é: uma consistência determinada a seu modo, e que persiste em ser, que, num brevíssimo instante de seu devir, se firma em destinação, e tem discernimento da singularidade e da complexidade de seu ser e do mundo habitado pelo homem. Cabe-lhe, em tudo, o cuidado e a vigilância, porque como ser que entende, dotado do **nous**, ele pode manter contato com todas as coisas, distinguindo situações, diferentes modos do ser e conseqüentemente diferentes modos de enunciar a verdade dos seres. Aqui, a exigência à disponibilidade e à fidelidade ao ser e ao que fundamentalmente ele é, e a necessidade de uma atenção ao próprio devir e ao que advém e é possível de vir-a-ser, do respeito para com todos os seres, do exercício da liberdade e da contínua responsabilidade pelos seus próprios atos de sujeito que opera e cujos resultados se estendem além de todo horizonte do imaginável.

E o viver do homem se configura, sempre, em novas formas de habitar, distendendo-se no espaço, inserindo-se temporalmente, edificando seu próprio mundo e seu ambiente. Seu caráter se faz e se perfaz enquanto confirma suas raízes influenciando culturalmente seu meio, e seu destino diz seu ser

habitante do mundo, convivente com suas possibilidades e sujeito de seus atos, um ser encarnado habitando espaços e coabitando tempos. A compreensão efetiva do viver do homem situado e condicionado, e segundo as manifestações de sua presença no mundo, estabelece uma síntese de universalidade e singularidade, conjugada intercategoricamente, e busca entender e dizer - teórica, prática e experimentalmente - o que seja o humano do homem e a realidade da dramaticidade de sua existência, a qual apesar de todas as mudanças sempre diz o que persistindo é duradouro e exigente de uma contínua criação: o habitar humano como o dimensionar-se do homem

entre seu próprio reconhecer-se na intimidade de seu ser e de sua condição humana, seu ser pessoal de paradoxos e seu ser universal, seu ser habitante determinando suas relações com o mundo, revelando seu modo de ser.

A compreensão dessa experiência do homem sabendo acolher a complexidade e a singularidade de seu ser diz o experimentar de sua realidade e de seu poder, que se distendem por todo trajeto de sua vida, e revela os conceitos fundamentais de seu ser e os princípios ontológico-éticos, os quais devem orientar o exercício do viver do homem.